

Transição Capilar Negra: Resignificando a Identidade da Mulher Negra

Transición Capilar Negra: Resignando la Identidad de la Mujer Negra

Taís Rodrigues de Aguiar¹

Resumo

O abandono dos produtos químicos modificadores da estrutura capilar visando o uso dos cabelos em sua forma natural é denominado de transição capilar, e vem ganhando cada vez mais mulheres adeptas ao processo, constituindo assim o que chamo de “Movimento Cacheadas/crespas”. Movimento este que apresenta o advento de um novo sujeito político composto majoritariamente por negras no Brasil, promovendo o compartilhamento de experiências no meio virtual e encontros presenciais, como por exemplo, a Marcha do Orgulho Crespo que ocorre em diversas capitais. Entretanto, questiono a amplitude do movimento e quem são as negras que participam de tal processo, entendendo que o local que a pessoa está situada é passível de atribuir significados distintos e diferentes discursos, por haver relação com o contexto histórico, político e cultural que é experienciado. Sendo assim, apresento neste texto uma breve discussão teórica que embasa a minha pesquisa, e que tem como foco as relações das negras com seus cabelos como constructo identitário, e nos diversos discursos e experiências que perpassam em diferentes gerações de mulher negras.

Palavras-chave: Gênero, Identidade, Interseccionalidade, Raça, Transição capilar.

Resumen

El abandono de los productos químicos modificadores de la estructura capilar con el objetivo de la utilización del pelo en su forma natural se denomina transición capilar, y viene ganando cada vez más mujeres adeptas al proceso, constituyendo lo que llamo de "Movimiento Enrulladas/crespas". Movimiento este que presenta el apareamiento de un nuevo sujeto político compuesto mayoritariamente por negras en Brasil, promoviendo el compartimiento de experiencias en el medio virtual y encuentros presenciales, como por ejemplo, la Marcha del Orgullo Crespo que ocurre en muchas capitales. Mientras tanto, cuestiono la amplitud del movimiento y quiénes son las negras que toman parte de tal proceso, entendiendo que el lugar en donde una persona está ubicada es pausable de supeditar significados distintos y diferentes discursos, por haber relación con el contexto histórico, político y cultural que es experienciado. Siendo así, presento en este texto una breve discusión teórica que da base a mi pesquisa, y que tiene como foco las relaciones de las negras con sus pelos como constructo identitario, y en los diversos discursos y experiencias que perpasan en diferentes generaciones de mujeres negras.

Palabras-clave: Genero, Identidad, Interseccionalidad, Raza, Transición capilar.

1. Introdução

Este trabalho tem como base o movimento de transição capilar que se constitui pela modificação de cabelos alisados para o seu formato natural. A partir desse movimento, desencadearam-se diversas ações como a Marcha do Orgulho Crespo, onde o maior número de participantes é formado de mulheres negras. Com isto, tenho trabalhado a partir de um

¹ Mestranda em Antropologia Social e Cultural; Universidade Federal de Pelotas; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; taisrodriguesdeaguiar@yahoo.com.br .

olhar antropológico a importância da transição capilar para as negras, e, ao mesmo tempo, pensando a minha própria trajetória de atenção, antes e depois do processo de transição, sobre os meus cabelos.

A rejeição a traços físicos considerados indesejados, de acordo com o padrão de beleza dominante racializado, conserva-se na base de práticas de embelezamento que visam alterar a textura do cabelo com vista ao embranquecimento que, no caso, é o alisamento.

Sabendo que inúmeras mulheres negras passam pela modificação capilar e estão sujeitas a processos que permeiam as relações raciais, é importante trazer o entendimento de que essas mulheres podem estar sujeitas a visões e discursos diversos a respeito de suas relações com o próprio cabelo.

A pesquisa que venho realizando sobre o tema, se constitui enquanto uma etnografia não-tradicional, pois procuro trazer densamento aos fluxos de comportamentos e significações a partir do contexto, utilizando de acompanhamentos e entrevistas de forma a apreender os cuidados capilares e os discursos sobre a relação das interlocutoras com o próprio cabelo (GEERTZ, 1989).

Assumir um ponto de vista “afetado” (DINIZ, 2008), principalmente pela minha posição enquanto mulher negra, permite trabalhar com minha própria trajetória de vida, servindo como fonte válida de conhecimento crítico sobre pensamentos sociológicos (COLLINS, 2016), caracterizando-se como autoetnografia.

E, por fim, o meu campo se constitui por um grupo sem fronteiras, presente em múltiplos locais, sendo esta forma denominada por Marcus (2001) como etnografia multisituada ou multilocal, já que as informações referentes à relação com o cabelo são disseminados e compartilhados por meios de comunicações diversas.

2. Identidades e diferenças

Participar do processo de transição capilar e acompanhar a percepção de outras negras que também realizaram o processo me fizeram perceber que a experiência e os relatos dos sentimentos se constituíam de formas idênticas e com os mesmos objetivos. A partir disso, é possível questionar: nós negras possuímos uma essência única que nos permite ter as mesmas experiências?

Compreender a identidade nos parâmetros essencialista permite estabelecer que há “uma noção de essência última que transcenderia limites históricos e culturais” (BRAH, 2006, p. 331), negando que a existência de trajetórias distintas construídas a partir do contexto político, cultural e histórico que incidem na composição da identidade.

Paul Gilroy (2007) ao criticar a afirmação de identidades nacionais e étnico-raciais de forma essencializada e absoluta, vai dizer que a individualidade, comunidade e solidariedade vão além de uma maneira óbvia e de senso comum para falar sobre identidade, sendo que a interação entre as experiências subjetivas do mundo e os cenários culturais e históricos (p. 123) produzem significados identitários diversos.

Entrando na mesma linha de contestação à identidade essencializada, o sociólogo Stuart Hall (2010), ao teorizar sobre a identidade cultural e representação, destaca que “Todos escrevemos e falamos desde um lugar e um momento determinado, desde uma história e uma cultura específica” (HALL, 2010, p. 349). Desta forma, nossas ações devem ser entendidas de forma densa, ou seja, pela posição assumida em um contexto social, o qual molda tanto nossas escolhas racionais quanto nossa subjetividade.

Assumindo a compreensão da complexa construção das identidades, parto da noção de que a identidade não é algo imutável e fixo, tendo como base o conceito de diferença

trabalhado por Brah (2006) de forma que não privilegia uma análise micro ou macro, intercambiando os dois níveis de diferença e mostrando seus efeitos a partir da articulação do discurso e da prática que prediz relações sociais, posições de sujeito e subjetividades (BRAH, 2006, p. 359).

2.2 A fixidez da estereotipação

Se pensarmos, nos atuais movimentos de autoafirmação estética como contra discursos, que se contrapõe aos discursos de representações hegemônicas sobre a negra, torna-se fundamental a reflexão sobre o conceito de estereótipo e de que jeito também está presente na formação identitária de grupos e sujeitos. Segundo Hall (2010) o estereótipo é uma forma de construção da representação do outro que o reduz a traços fixos, essencializados, naturalizado. O seu objetivo é de manter a ordem social e simbólica, estabelecendo fronteiras e nomeando de diferente aquilo que não estiver dentro do grupo.

A fixidez promovida pelo estereótipo se apresenta como o signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, porém apresenta contradições, visto que transmite um sentido de rigidez e imutabilidade, e, ao mesmo tempo, uma desordem e degeneração, constituindo-se como complexa, ambivalente e contraditória (BHABHA, 2013, p. 117).

O impacto da violência simbólica produzida pelo estereótipo sobre os processos de identificação dos coletivos negros é devidamente problematizado por Nilma Lino Gomes (2008, p. 143) ao afirmar que o negro brasileiro vive uma tensa imersão entre “uma imagem socialmente construída em um processo de dominação e a luta pela construção de uma autoimagem positiva.” (GOMES, 2008, p. 143), criando dificuldades em desconstruir a imagem social estereotipada visando à relevância da própria imagem.

O cabelo, sendo um elemento físico que constitui a identidade visual da pessoa, é avaliado frente aos parâmetros sociais de “boa imagem”, a norma é estabelecida com base em atributos europeus, que se apresentam perceptíveis principalmente nas modificações capilares. Ao pensar no coletivo em movimento de mulheres cacheadas/crespas é possível entender que o cabelo serve como um marcador de diferença construída em oposição ao padrão estético socialmente consolidado e também ao grupo que se beneficia em ter naturalmente as características que são estabelecidas socialmente como ideal de beleza.

Essa reconfiguração da noção dada ao cabelo cacheado/crespo é investida a fim de desconstruir a fixidez sobre o corpo da negra, que vai desde o sentido de “pobreza” e desordem até o sentido de “exótico”, onde aguça uma curiosidade extrema por este corpo, transformando-o em um objeto de desejo sexual apenas.

Mas há outro processo que deve ser considerado ao analisar as negras e a relação com o cabelo, que é a interseccionalidade de raça e gênero. Pensar nos dois conceitos e no emaranhado que eles produzem, permite uma visão mais densa sobre as diferenças e similaridades entre essas mulheres.

2.3 Raça e gênero

Prosseguindo com a ideia de identidade não-imutável, Avtar Brah (2006) irá articular o conceito de diferença ao de experiência, considerando a relação entre os conceitos fundamental para o debate feminista, que constrói tanto esquemas de significação subjetivos, quanto a relação social como formadores do discurso de luta. As experiências pessoais de mulheres negras e não negras foram a força que deram movimento ao feminismo enquanto

voz coletiva contra a opressão comum à essas mulheres, questionando e enfrentando o que tinha socialmente “tido como certo”.

A experiência não ocorre apenas como algo exterior ao sujeito, ela é produto da interação do sujeito com o mundo que molda-se mutuamente. Contudo, a diferença discursiva não se reduz aos distintos processos socioeconômicos, de raça e gênero a qual o sujeito experimenta, mas também às diversas formas de experimentar a diferença nesses locais.

Ao pensar sobre a categoria “mulher”, Cláudia de Lima Costa (2002, p. 13) afirma que pode ser tomada enquanto uma categoria genérica acionada para produzir articulação e solidariedade políticas, mas se constitui, porém, em uma categoria histórica construída de forma heterogênea.

Ao pensar sobre a construção do gênero para as negras, Sueli Carneiro, ao abordar sobre o movimento feminista brasileiro, alerta para as relações de poder existentes na sociedade, apresentando hierarquias onde “o racismo rebaixa o *status* dos gêneros [...] tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes” (2003, p. 119). Conforme afirma Schucman (2014, p. 53):

[...] devido ao racismo e a um ideal de beleza e estética branca, a população brasileira produziu significados positivos à branquitude, em contrapartida a significados negativos estéticos e culturais relacionados aos negros. [...] A patologia então seria o fato de que o branco brasileiro considera vergonhosas sua ancestralidade e cultura negras, enaltecendo a cultura europeia/branca, da qual não faz inteiramente parte.

A pressão social para se enquadrar em um padrão estético é sentido por todas as mulheres, mas é algo perceptível na vida de mulheres negras devido à modificação constante de seus fios capilares através de inúmeros produtos que prometem um alisamento total e redução de volume, o que permite inferir como uma forma de imitação dos cabelos de mulheres brancas. A ativista feminista bell hooks (2005, p. 2) entende que a autoestima da mulher negra possui forte relação com o seu cabelo e a estética socialmente dominante.

Passar pelo processo de transição capilar requer uma construção de sua autoestima e combate aos estereótipos sociais sobre o cabelo cacheado/crespo e o corpo da negra. Para a negra realizar esse combate, deve enfrentar questões que permeiam o estereótipo articulado nos conceitos de raça e gênero.

3. Conclusões

O trabalho se propõe principalmente na produção de um ponto de vista de e para mulheres negras, posição esta que permite a incorporação de experiências da própria trajetória de vida da pesquisadora nas abordagens dos problemas de pesquisa eleitos como relevantes.

A minha condição de negra, pesquisadora e participante do movimento de transição capilar, vai possibilitar uma interação mais íntima e compreensiva favorecendo “o compartilhamento mútuo de intensidades de afetos, gerando formas de comunicação involuntárias e desprovidas de intencionalidades” (SAADA, 2005), constituindo dados com um ponto de vista sensível sem perder a noção de ética de pesquisa (DINIZ, 2008).

Para a construção de uma análise densa das relações étnico raciais brasileiras, trago para a discussão o conceito de identidade pela noção de diferença e seus múltiplos locais de construção, possibilitando um paralelo sobre culturas das diásporas negras, enquanto constituídas por formas expressivas elaboradas em contextos diversos, que produzem discursos e performances de significados diferentes, permitindo uma noção densa e crítica.

Também apresento a categoria de gênero a partir do pensamento feminista negro, desenvolvendo um outro olhar sobre a diversidade de mulheres que compõem o movimento, em conjunto, uma reflexão sobre a relação entre as noções de branquitude e gênero para pensar sobre estereótipos fixados ao longo dos anos no corpo da mulher negra.

Referências

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 441 p.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 329-376. São Paulo, 2006.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49. São Paulo, 2003.
- COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-125. 2016.
- COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, n. 19, p. 59-90. São Paulo, 2002.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. 244 p.
- DINIZ, Debora. Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios. Research ethics in social sciences: new challenges. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, n. 2, p. 417-426. Brasília, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989. 323 p.
- GILROY, Paul. *Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007. 416 p.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 416 p.
- HALL, Stuart. *Sin garantias: trayectorias y problemáticas em estudios culturales*. Popayán; Lima; Bogotá; Quito: Envió editores; Instituto de Estudios Peruanos; Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar, Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.
- HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 16, p. 193-210. Brasília, 2015.
- MARCUS, George E. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. *Alteridades*, v. 11, n. 22, p. 111-127. México, 2001.

SAADA-FAVRET, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161. São Paulo, 2005.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.